



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE-ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE04912011GRC



# Gaiciato

Quinzenário • 5 de Maio de 2012 • Ano LXIX • N.º 1778 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

**A**DMIRÁVEL o silêncio de Cristo na Sua Paixão! Interrogado e desprezado, nada respondia; nenhum sinal de revolta pela Injustiça que sobre Ele caiu, com toda a sua força...

A revolta é o fruto da injustiça. Acompanhamo-la tantas vezes em diversas situações, ao longo do tempo, com aqueles com quem vivemos, e também a experimentamos na contingência da nossa humanidade, submetida ao poder da mentira e da inconsciência. Admirável a forma como Cristo a venceu...

Há dias, uma mulher veio em busca de socorro, envergonhada. Mantendo o domínio sobre o seu estado de alma, próximo do desespero, contou, entre lágrimas, a proximidade do precipício em que a vida da sua família se encontrava, o ruir da estrutura em que a mesma assentava, devido ao seu desemprego e ao não pagamento do salário pelo trabalho do marido. Embora sentíssemos a verdade no seu depoimento, pedimos um comprovativo do seu Pároco, confiantes em nosso coração que lhe daríamos a ajuda que precisava. Passaram-se já vários dias e

ainda não veio... Sinto um peso na consciência e uma vontade de que venha para que a possamos aliviar, e aliviar-nos...

Têm sido em catadupa as visitas de gente aflita com as mais variadas necessidades. Duas jovens mães, com filhos, apresentaram as carências das suas famílias. São as rendas ao senhorio ou ao banco, são as contas da electricidade, é a mercearia e a alimentação das crianças... Não pediram valores certos, somente o que pudéssemos dar. O coração dói-se e apetece dar tudo...

Depois, outra mãe com a sua bebé ao colo, mais o filho pequeno, com quem nos visitara antes daquela ter vindo à luz. Da primeira vez, viera pedir alguma roupinha para a filhinha que ainda trazia na barriga e, desta vez, alguma mais e pouco mais. Cada filho tem seu pai, mais os outros dois que não vieram com ela. Que serenidade no seu falar... Abençoada maternidade! Só posso falar da mãe e pedir a bênção para os filhos...

Outros casos, e muitos mais mostrando-nos que o nosso sofrer é

coisa pouca... Grande o silêncio no padecer injustamente, por obra dos que constroem neste mundo a sua morada.

Perante estes sinais de morte a vitória é do amor, que enchia todo o ser de Cristo nesses momentos de Paixão... «O amor é mais forte do que a morte!», sentenciou, aplicou e alcançou na vida Pai Américo, perante o estado de abandono do garoto das Ruas que palmilhou.

Não sei se alguma vez o próprio rapaz que acolheu denegriu a sua integridade! Os pais deles sei que sim. Vingou-se deles «à maneira do Evangelho», que é a maneira de quem ama! E se o fizessem os próprios rapazes? Maior amor lhe estaria a ser exigido. Quem pode amar assim?! □



**A educação  
não quer fórmulas; basta  
a expansão do amor.**

Pai Américo

## CALVÁRIO

Padre Baptista

## Mães

**D**ARIAMENTE batem à nossa porta pobres mulheres com seus filhos ao lado, todos pequenos, tristes e suplicantes.

Tenho constatado que algumas ficaram sem os maridos, porque estes se ausentaram e construíram outro lar, ou foram para outro país e não deram mais sinal de vida. Lares desfeitos!

As amarguras aumentaram. É a renda da casa, a luz, a água, são os alimentos, os livros para a escola e a roupa para os filhos. Para além do momento difícil que todos sentimos, é a incerteza do futuro que mais aflige.

Vamos dando ajudas, mas não a tranquilidade por que aquelas mulheres anseiam. Mitigamos, apenas, as preocupações.

Deus manda-nos os Pobres, com as suas aflições, para olharmos por eles e O descubramos nos pedintes. A nossa fé é assim posta à prova.

Ora, nunca ninguém saiu de junto de Cristo sem alento. Nunca ninguém deve sair da nossa porta sem conforto e esperança.

Mas, para além destes Pobres, vêm pedidos para recebermos doentes. Alguns destes, estão nos hospitais. Quem ali os colocou não tem condições para os continuar a cuidar e, por vezes, não aparece mais. Muitos destes doentes estão totalmente dependentes.

Também de uma cadeia nos veio a súplica para um homem sem família que deseja sair mas não tem quem o receba. Entretanto, está doente na enfermaria da prisão, à espera que alguém o aceite como ele é.

Nós desejamos receber mais doentes. Muitas vezes tenho dito que não, mas fico com o remorso no peito.

Nós somos família para os que a não têm. Ora, nesta, que somos, falta um elemento essencial — uma mãe. Mas não encontro quem aceite o convite. Não encontro quem queira ser mãe amiga destes doentes.

Dar a vida toda, parece que já não é uma exigência evangélica. Vai-se dando algum tempo do tempo que se vive. Mas dar a vida, é a exigência primeira e última de Cristo. Contudo, os cristãos de hoje são, na sua maioria, uns medrosos. Pensam que perdem a vida se a derem. Mas Cristo afirma que a ganha quem a dá. □

## AS NOSSAS FESTAS

**S**ÃO uma exigência da nossa vida! Fazerem os nossos rapazes os espectáculos, é verdadeiramente uma necessidade, antes de mais para eles e para nós. Para muitos dos nossos amigos também são momentos que vivem com paixão, porque neles sentem o sofrimento que a injustiça provocou naqueles que os seus olhos admiram, e a alegria por verem a mesma injustiça se não compensada, pelo menos remediada. Como dizia Pai Américo, nós remediamos! De facto, digo agora eu, não poderemos nunca substituir o pai ou a mãe que a natureza deu e, depois, lhes foram negados.

Este ano resolvemos não ir ao Coliseu do Porto. Não que não gostássemos de ir! Os rapazes gostavam muito! Mas uma sala tão grande também tem de ser grande no calor humano que a enche! Aqueles que nos três anos transactos disseram presente, acolheram-nos com vivo interesse, mas é preciso ir mais longe...

Vamos, por esse motivo, fazer as nossas Festas em algumas Comunidades. As que já têm data marcada são indicadas a seguir. Os seus Párcos receberam-nos de braços abertos, esperando nós que o mesmo façam as suas «ovelhas», pois decerto não quererão desiludir especialmente os nossos «Batatinhas» que, não sendo muitos, são bons.

O tema que levamos, é a «Obra da Rua», não só devido ao recente lançamento da reedição do livro que dela fala, desde a génese até à actualidade, mas também levantando o marco dos 125 anos, que se completam a 23 de Outubro do corrente ano, do nascimento de Pai Américo. Ele o farol que ilumina o passado e o futuro da nossa Obra.

Perante todas as adversidades com que somos bafejados, sabemos que o sinal da esperança, que é a alegria que transportamos, continuará a brilhar pela força do Alto e o carinho dos que estão a nosso lado.

Temos, pois, agendadas as seguintes:

**19 de Maio, 21.30 h** – Igreja de Ermesinde

**27 de Maio, 15.30 h** – Igreja de S. Pedro da Cova

**2 de Junho, 21.00 h** – Trofa

**9 de Junho, 16.00 h** – Salão Paroquial de Valongo □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MOÇAMBIQUE

Lucas Torres

1. Iniciámos o segundo trimestre do ano lectivo depois de uma semana de descanso, onde aproveitámos para colher o nosso milho, semear alho, preparar os viveiros, aprender na carpintaria, serralharia, mecânica, electricidade e outras actividades.

2. O nosso Padre Zé, não tem evitado esforços em procurar ajudas para garantir o nosso sustento. Desta vez, partilhámos a gratidão e a alegria com a presença da Empresa TROPICALIA que passaram o Domingo connosco. Eles na alegria do dar e nós na alegria de receber.

3. Nos dias de férias aproveitámos para, no desporto, organizarmos a nossa equipa de futebol juvenil, ensaiámos danças, os nossos artistas pintaram e desenharam... enfim, o nosso tempo foi bem dividido e chegou para tudo.

4. Sábado, participámos num concurso de dança, na Massaca, e o nosso grupo, «25 graus», marcou a sua presença classificando-se em primeiro lugar.

5. Fomos convidados a participar na «Liga Juvenil» do Distrito de Boane e o nosso treinador não tem medido esforços junto da equipa, mas para nós, neste momento, o mais importante é a participar com dignidade e respeito. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**A NECESSIDADE DA PARTILHA OUTRA VEZ** — Estou a chegar de um dos sítios mais ricos do mundo. Apesar dessa riqueza, lá estavam os sem abrigo espalhados por muitos locais da cidade. Têm, certamente, quem se (pre)ocupe com eles, mas lá estavam, mesmo assim.

Isto serve para dizer que não é por um país ser rico, ou crescer economicamente que a pobreza irá desaparecer automaticamente. Pior ainda se o país não é rico, nem cresce economicamente, bem pelo contrário.

As pessoas e as instituições que se (pre)ocupam com a pobreza estão confrontadas com o difícil desafio de fazerem cada vez mais com cada vez menos. Isto pode ter a vantagem de obrigar a largar o lastro de ineficiência e mesmo oportunismo que existe por aí nestas coisas. De qualquer maneira, vão sendo cada vez mais as situações de real dificuldade. É preciso estar atento a elas, saber distingui-las doutras que o não são, de facto, e acudir como pudermos, mesmo correndo o risco de nos enganarmos.

O nosso obrigado aos leitores que nos acompanham e incentivam neste trabalho.

**Os nossos contactos:**

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

**PASSEIO** — Quando o «Famoso» te chegar às mãos, já o nosso tradicional passeio anual para os nossos associados e amigos se realizou. Foi Domingo, 6 de Maio, o nosso 4.º passeio consecutivo. Fazendo uma breve resenha dos anteriores passeios, assim depois de no primeiro ano termos levado 2 autocarros para ir a Fátima, de manhã, e aproveitado a tarde para a visita à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde ainda tivemos tempo para efectuar um jogo de futebol, em que antigos e novos se misturaram para confraternizar. No ano seguinte, visitámos Santiago de Compostela e o ano passado demandamos a S. Bento da Porta Aberta. Desta vez, calhou a Óbidos receber a nossa visita. A concentração para a saída, foi na nossa sede, e foi feita uma escala no Porto para os associados daquela Cidade. Contamos, no próximo jornal, fazer uma crónica a dar conta do que de mais importante se passou neste passeio.

**SEDE** — Queremos nós, com o vosso apoio e presença, como forma de dinamizar a nossa Associação, que a sede seja um ponto de encontro e tenha como objectivo estreitar os laços fraternos e de solidariedade entre todos. Faz a tua visita, e lembra os teus tempos passados na Casa do Gaiato. Ficamos à tua espera, pois temos feito algum sacrifício para manter aberta a sede todas as sextas, à noite, assim como ao sábado, de tarde e noite, além do habitual Domingo, à tarde. Fazemos questão de direccionar a Associação no sentido da sã convivência. Também nós partilhámos das preocupações que a Obra da Rua sente, para proporcionar o melhor projecto de vida a cada rapaz. Estamos certos que *fazer de cada rapaz, um homem*, é uma obrigação de todos, sem excepção.

**ACTIVIDADES** — Continuam em bom ritmo as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho. Se tens gosto e vontade de ocupar os sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue. Apelamos aos nossos amigos e benfeitores: se tiverem em casa algum instrumento musical ou material de pintura de que já não façam uso, que se lembrem de nós.

**CAMPANHA DE ASSOCIADOS** — A Associação já conta com mais de 350 associados, mas queremos sempre mais, pois muitos antigos gaiatos espalhados pela Zona Norte do País, ainda não foram alertados para efectuar a sua reinscrição. Esperamos que no dia de Pai Américo — 16 de Julho — já tenhamos chegado aos 400 associados, pois achamos que quota de 50 cêntimos por mês é acessível a todos. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

*O verdadeiro Pobre é irmão de Jesus Cristo — Mihi fecisti — e o bem que se lhe faz, é sacramento da igreja.*

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

## PAÇO DE SOUSA



Alguns elementos da equipa dos mais pequeninos, em formação, como noticiámos no último O GAIATO.

**FESTAS** — Os rapazes entraram nos últimos ensaios para as Festas, para quando forem as apresentações, demonstrarem talento e bom desempenho.

Quatro zonas do Norte já confirmaram a nossa presença: Ermesinde, S. Pedro da Cova, Trofa e Valongo.

Os rapazes, quando receberam a notícia dada pelo nosso Padre Júlio, ficaram extremamente empolgados para animar os nossos amigos nestas terras.

Bons Ensaios!

**DONATIVOS** — Na passada semana recebemos um donativo de peixe que encheu de alegria os rapazes e, claro, melhorou a diversidade da nossa alimentação. Também recebemos um donativo de pão, que ajudou os pequenos-almoços. Para o almoço e jantar, tem sido o pão que é feito no nosso forno, que tem saído muito saboroso e estaladiço.

Zé Reis

**DESPORTO** — Assim, é muito complicado! Quando dentro de um grupo de trabalho, há elementos que insistem em não ter espírito de equipa e com vontade de se sacrificar pela mesma, algo está mal...!

Este fim-de-semana, deslocámo-nos a casa do Sport Clube Nun'Álvares — Recarei — para defrontar a luxuosa equipa de Juniores. Fomos bem recebidos por todos os directores, pela maio-

ria da massa associativa, pela equipa técnica, pelos atletas, menos pelo «trio amarelo» que, como de costume, proibiram os nossos Rapazes de marcar golos. Foi o caso. Com 15 minutos de jogo, um dos nossos atletas, fez o 0-1. A partir daqui, foi como quem deitou água no lume. Sempre que nos aproximávamos da baliza adversária a bandeirola estava no ar. Impressionante!

Como se isto já não fosse o suficiente para nos travar o passo, eis que alguns dos nossos Rapazes (sempre os mesmos), resolveram dar crédito a quem o não tinha e, com pouca postura e muito pouca atitude, resolveram ajudar o «pai que é velho» — como diz o ditado. Foram eles: André «Espanhol» e André «Garnisé», «meninos...» que, parecem não estar habituados a ser contrariados. Ora, o futebol, presta-se para isso mesmo: fazer prova de resistência e formar um espírito forte na persistência contra as contrariedades. Aqui, não aparece tudo de bandeja... É preciso fazer pela vida e trabalhar do primeiro ao último minuto. Com ou sem razão, há que respeitar quem manda, saindo por cima aquele que melhor senso tiver.

Neste jogo, perdemos, porque não fomos capazes de ser superiores a quem tão baixo desceu, apesar de ter obrigação de dar o exemplo e incentivar os jovens à prática do desporto: a equipa de arbitragem.

Uma semana depois, recebemos a briosa equipa de Juniores do União Sport Clube de Paredes. Um jogo

completamente diferente. Com outra mentalidade e outra vontade de jogar e conviver. Os Rapazes do União vinham com vontade de ganhar — outra coisa não era de esperar — mas os nossos Rapazes tinham o orgulho ferido e quiseram dizer que também sabem tratar a redondinha. Pena é que não seja sempre assim!

Um dos atletas do União de Paredes, no fim do jogo, teve este desabafo: «*Eu esperava tudo... mas perder com o Gaiato, isso, nunca me passou pela cabeça*». Se fosse só este a pensar assim!, mas são tantos!

O treinador do Paredes já cá tinha vindo como Júnior pelo F. C. Porto e, agora, como treinador, trouxe 22 jogadores e todos a tratar a bola por tu!

Em relação ao jogo, os nossos Rapazes primaram e depois de muito esforço e raça conseguiram fazer o 1-0, resultado ao intervalo. Já a meio da segunda metade, fizemos o 2-0; e eles, pouco depois, alteraram o resultado para 2-1. Aqui, a nossa equipa acusou o golo e, tremeu um pouco (este é um dos nossos pontos fracos), mas como o nosso ponta-de-lança estava em dia sim, Joaquina conseguiu desvencilhar-se de 3 adversários e fazer o 3-1; resultado final. É caso para dizer: Joaquina/Casa do Gaiato 3 vs U. S. C. Paredes 1.

Houve muita assistência, e até houve quem quisesse colher louros, sem ter direitos a eles. No entanto, o nosso jogador — Rogério — respondeu-lhe e respondeu bem!...

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**SR. PADRE CARLOS** — A 22 de Abril, Domingo, fez um ano que faleceu o nosso Padre Carlos, com 85 anos, no Lar das Irmãzinhas do Pobres, no Porto. Nos últimos anos, viveu no Lar do Gaiato do Porto. Foi lembrado na Eucaristia dominical, na nossa Capela, pelas 10.00h. Que o seu serviço à Igreja, com os Rapazes da Rua e os Pobres, lhe dê o descanso eterno!

**AGROPECUÁRIA** — Finalmente, em *Abril águas mil!* Como tem chovido e não tivemos tractor, ainda não plantámos batata num terreno junto à rotunda Padre Américo.

Cortou-se erva na horta para o gado. Continuou-se a pôr relva no jardim da piscina. Quatro rolas, que andavam na zona dos gansos, foram parar à nossa passadeira...

**CONCERTOS** — Fizeram-se arrumações nas nossas oficinas. Colocaram-se alguns azulejos e concertou-se uma coluna de uma porta na nossa Escola. No parque, arranjaram-se os cavalinhos. Os electricistas têm andado a arranjar tomadas e pôr lâmpadas. O nosso tractor, já antigo, avariou e teve um arranjo grande e caro, pois é muito preciso para as lavouras. □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

**ENCONTRO ANUAL** — Estamos a quatro meses do nosso Encontro, que este ano vai ser a 1 e 2 de Setembro, na casa de férias do Portinho da Arrábida, dias que o nosso Padre Acílio nos pode disponibilizar. Assim sendo, vai programando as tuas férias para que nesses dias estejas disponível para confraternizar. Marca a tua presença comunicando com o «Falcão» ou o João Evangelista que, com o Armando, são os responsáveis este ano — como ficou decidido em reunião. Claro que vamos contar com a ajuda das vossas esposas.

Em ano de crise, sabemos as dificuldades que surgem e que muitos de nós já passaram; e sabem quão difícil é querer algo e não poder ter. Aqueles tempos felizes do bocadinho de broa com manteiga à merenda, a farinha de pau ao jantar, a deliciosa tigela de papas de milho ao pequeno-almoço, a peça de fruta nos dias de festa ou quando as nossas árvores nos presentavam. Lembra-se? Como crianças éramos felizes à nossa maneira!

Esperamos sejam momentos de confraternização e lembremo-nos que no próximo ano vai fazer meio século

da nossa partida para Angola! Vamos pensar festejar esse dia de maneira diferente, pedindo aos nossos Padres ajuda para que seja inesquecível e sirva de incentivo e estímulo para os nossos seguidores.

Passamos a nossa juventude na ajuda da construção das Aldeias de Malanje, Benguela e, mais tarde, Moçambique. Poucos tivemos esse privilégio, mas muitos têm o consolo de lhes dar a continuidade merecida e são, hoje, esteios dessa continuidade numa sociedade em desenvolvimento. O tempo passa, mas a Obra fica! □

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Reuniões

Os directores de turma das várias escolas frequentadas pelos nossos rapazes convocam os Encarregados de Educação para os informar do aproveitamento e conduta dos respectivos educandos.

Na semana passada, todos os dias, de segunda a sexta, das 5 às 8 da tarde, andei num virote de sala para sala e de escola para escola a fim de participar nas referidas assembleias. Duas averiguações constatei com algum conforto. Primeira, são mais numerosos os pais que participam nestas reuniões e o seu interesse pelos estudos e educação dos filhos tem aumentado notoriamente. Ando nestas andanças, logo que esta proveitosa técnica começou, há mais de trinta anos. Segunda, a consciência do Professorado e a dedicação aos alunos da maioria, é admirável. Den-

tro das normas de procedimento que o Ministério impõe aos Docentes, obrigando-os, por vezes, a engolir sapos vivos, a devoção pelos alunos e a transmissão de conhecimentos é um saboroso estímulo de esperança humana.

De dois rapazes recebi más informações, não de comportamento mas de empenho, de outros ouvi dizer aos directores de turma: *São o melhorzinho da escola.*

## Favas

Semeámos, este ano, um grande faval. O tempo foi seco, a terra alta, mas prevenimo-nos com técnicas de rega e as plantas não passaram sede. O resultado está diante de todos: — Faveiras carregadinhas de canudos cheios de grão.

É costume, entre nós, congelar a referida leguminosa de grande

valor nutritivo, para uma refeição semanal, ao longo de todo o ano. Quer dizer que todas as semanas *somos mandados à fava* pela cozinha, em regra, à quarta-feira.

A colheita e o descasque das favas é uma tarefa de todos os rapazes, feita em grupos, conforme a capacidade pessoal de cada um. Os maiores e mais conscientes arrancam as vagens das faveiras após uma cuidadosa apalpadela para verificarem se já estão em maturidade certa para a congelação e colocam-nas em baldes de plástico os quais, quando cheios, são despejados em caixas que as transportam para as mesas da debulha. Os mais pequenos, em volta das mesas, partem os canudos vaginiformes e tiram os grãos para bacias, colocadas no meio das mesas. As bacias cheias, baldeiam-se para sacos de plástico, levados, após pesagem, para a câmara de congelação onde permanecem até serem tirados para a cozinha, ao longo do ano. No dia 25 de Abril *mandaram-nos todos*

à fava, e nós fomos, da parte da manhã. A tarde foi livre.

## Chaparral

Durante muitos anos a nossa Casa foi rodeada de eucaliptos, a Sul e a Poente. Como já estavam muito velhos, arrancámo-los e, em seu lugar, plantámos pinheiros mansos e sobreiros. Como algumas destas árvores morreram, comprámos outras com torrão e altura dos actuais e plantámo-las no seu lugar, após uma boa preparação da cova, derrame de estrume no fundo, e envolvemos o torrão de cada planta com terra orgânica escolhida na nossa quinta.

Neste trabalho e aquisição de plantas, envolveu-se o Lyons Clube de Setúbal, cujos companheiros, após nos terem dado a honra e alegria de almoçarem com os rapazes, foram reconhecer e plantar algumas árvores.

Do lado Nascente do campo de

futebol ficará o chaparral. Aqui e além e mais ao fundo, há sobreiros adultos, os quais já dão bolota e cortiça.

Agora, as árvores alinhadas e distanciadas sete metros umas das outras, irão fornecer uma bonita paisagem, darão uma pacífica sombra e inspirarão os nossos poetas. Tudo obra dos Rapazes. A terra foi lavrada, limpa e endireitada por eles. As covas abertas com uma larga broca cedida, para o efeito, por um amigo do Faralhão, accionada por um potente tractor nas mãos do Amândio. O estrume e a terra orgânica carregada por eles em reboques, acompanhando o plantio dos novos sobreiros.

Organizaremos uma rega gota-a-gota para que, no Verão, as plantinhas cresçam e se desenvolvam sem jamais morrerem à sede e nos darem cuidados. A rega é fácil e barata, abre os olhos aos rapazes, que aprendem, por experiência, a poupar água e a serem eficazes nos seus futuros empreendimentos. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Dois peixes

É da missão da Igreja ser uma comunidade servidora de toda a pessoa humana, em especial os mais frágeis, os Pobres. A miséria, a marginalidade e a indignidade são males a erradicar. Não são resultados do destino, mas também de mecanismos socioeconómicos injustos. Assumir esta causa, estar ao seu lado e dar a Boa notícia traz sempre consequências espinhosas e incompreensão. Não importam os números, mas as pessoas.

A identidade do nosso Deus é incontornável e só n'Ele pomos a nossa confiança: *Tu és o Deus dos humildes, defensor dos pequenos, apoio dos débeis, refúgio dos desvalidos, salvador dos desesperados.*

Escasseando pastores, muitas comunidades já não se encontram na Eucaristia dominical, embora suspirem por ela, e da qual não se pode separar a Caridade. Contudo, o rosto do Senhor vai-Se mostrando em tantos caminhos e nos rostos humanos.

Um encontro sentido e simples com uma Margarida, só e até pobre de saúde, em Coimbra, com o céu a pingar, foi um banho de coragem: — *É para os meninos e reze*

*por mim!* Jesus ressuscitado pediu *alguma coisa de comer.* E continua todos os dias a inquietar-nos, se sairmos do nosso casulo, convidando-nos a dar de comer.

A mãe do Edgar veio, da zona de Lisboa, visitá-lo. E pediu comida para outro filhinho, que tem às costas. Felizmente, com ajuda amiga, deu à luz! A família tem de ser sempre uma grande esperança, no mundo. Porém, não vai havendo a necessária protecção à maternidade e paternidade. Esta mulher foi deixada pelo companheiro, está desempregada e sobrevive à miséria. Desesperada, quis-nos deixar no colo o seu pequenino.

Será que neste Estado e no estado a que chegaram as coisas sociais, é prudente deitar a mão em certas aflições ou vamos deixar os Pobres gritar e chorar com eles?

O seu outro rapazito, entre nós, é um furacão e comilão, para além de grande *bombeiro involuntário.* Depois daquele encontro, o telemóvel tocou, com ocorrência na Escola: — *Engasgou-se com uma espinha.* E que era preciso acompanhá-lo. Vimo-lo assustadíssimo, mas aliviado, pois já a tinha engolido. Lá se foi,

depois, um pacote de bolachas, num abrir e fechar de olhos.

Nas cantinas, há muitas crianças e adolescentes que viram a cara ao peixe. É importante dar-lhes, quando é possível, refeições com este saudável alimento e, nesta Casa, alguns devoram-no. Naquele dia, ao jantar da comunidade, pedi-nos peixe sem espinhas. Era faneca, que se foi buscar à Figueira da Foz, apreendida a pescadores... Esta pesca foi boa e, por isso, deu para congelar.

Foi André, irmão de Simão Pedro, junto ao mar da Galileia que viu um rapazito com *dois peixes*, o que parecia pouco para *tanta gente* que seguia Jesus. Se as crianças vierem ao mundo e virmos nelas uma *imagem de Deus*, não devem faltar milagres de multiplicação com a divisão.

Pescas abundantes e migalhas dos Pobres vão alimentando muitos filhos. Assim, deixem os ministros da Igreja cuidar dos Pobres.

Por estes dias pascais, outra espinha nos ficou atravessada: foi-se o *Inquelino* para o Algarve. Deus queira que nunca lhe falte peixe e pão que nos entregava para o altar.

*Nunca afastes de algum pobre o teu olhar, e nunca se afastará de ti o olhar de Deus!* □

## RECORDANDO PADRE CARLOS

Padre João

RECORDANDO o Padre Carlos “dos Gaiatos” na passagem do primeiro aniversário da sua morte, é creio, para mim, e suponho que para todos aqueles que o conheceram — também para toda a Obra da Rua — um justo e digno exercício de memória acerca dos “homens bons” que Deus suscita no caminho da vida humana.

Encontrei-me pela primeira vez com ele — encontro combinado — em Lisboa onde então vivia na condição de trabalhador/estudante. Ele deslocara-se ali para participar na despedida do Cardeal Cerejeira — Bispo que o ordenara sacerdote para a Obra da Rua em 2 de Maio de 1954 — e recepção solene ao novo Patriarca de Lisboa, Cardeal Ribeiro, no Pavilhão dos Desportos. Era o dia 29 de Junho de 1971.

O nosso encontro prolongou-se até Paço de Sousa. Jantámos no Lar de Lisboa, com padre Luís, na Ricardo Espírito Santo e pernoitámos em Setúbal. Na manhã seguinte, rumámos para Norte, tendo almoçado no Lar de Coimbra, acabado de inaugurar, com Padre Horácio. Estávamos, ainda longe das “Grandes Vias...”. Padre Carlos era o “Superior da Obra”, cumpria como lhe competia e aprendera do Padre Américo — “Uma visita de amizade”...! O meu “assunto” era vocacional. Tratava-se de dar um rumo à minha inquietação... Os traços que me ficaram na alma de adolescente, sensível e observador, de imediato foram os que o identificaram como homem de grande fé e humildade. Duas expressões lhe saíram da boca, na viagem, diante de certa adversidade, que registei, por nunca antes, certamente, as ter ouvido: “meu Deus e meu Tudo... quem não sabe é como quem não vê...”.

Depois da minha passagem por Paço de Sousa, cerca de um mês, mantivemos sempre algum tipo de relação regular, nomeadamente epistolar. Em Lisboa, os meus contactos com a Obra passaram a ser com o Tojal e, mais tarde, já no Seminário Maior dos Olivais, se mantiveram até à minha Ordenação Sacerdotal como seminarista da Diocese de Portalegre e Castelo Branco — a minha Diocese.

Quando vim para a Obra da Rua, depois de longo diálogo e decisão acertada com o meu Bispo, foi ao Padre Carlos que me apresentei no Lar do Porto; foi com ele que falei embora o tivesse já feito com os outros padres, nomeadamente, o Padre Horácio, de Miranda. Padre Carlos, recordo, cordial como sempre e arguto como era seu timbre, longe de estar preocupado com a necessidade de sacerdotes que a Obra enfrentava ou de qualquer proselitismo, assumiu de imediato uma postura eclesial: «... E a sua diocese...?!».

Ele bem tinha presente a matriz da Obra da Rua: «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» — Um “lugar” de realização de todos, também do Padre, mas consciente e possuído de uma clarividência: O Rapaz é o protagonista do método, co-autor do próprio acto educativo — sem ele não há método nem resultados. A «mestria» do Padre consubstancia-se na sua paternidade: «Se não és Pai não és Mestre...» — sublinhava o grande Padre Américo.

Duas considerações decorrem: Um padre entra na Obra da Rua pela mão de outro padre; pelo perscrutar do seu coração inquieto e apaixonado pelos Pobres, de uma forma particular. O Padre Carlos era um Pai e um Mestre! Foi nessa condição que ele promoveu e atraiu — *Quem chama é o Senhor e quem confirma é a Igreja!*

Outro elemento a considerar é a “diocesaneidade” dos Padres que servem a Obra da Rua; que dela mesma arrancam o próprio nome porque são conhecidos, de “padres da rua”. Há neles uma característica que os define claramente, diria mesmo quase ontológica: a sua «diocesaneidade». Perdida esta, ou com a rotina difusa, andamos às avessas, os frutos não se alcançam e as vocações não surgem. É bem conhecida a posição de Padre Américo a este propósito, consignada nas Normas de Vida dos padres da rua: «Nós somos da Igreja; sem o Bispo nada!» Esta ligação é, sem dúvida, «oxigenante» e, conseqüentemente, portadora de vida nova. □

## MALANJE

Padre Rafael

## «Porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo...»

LEVANTOU-SE muito cedo e foi à lavra cortar quatro canas de açúcar, eram cinco e meia da madrugada. Quando chegou a casa, acendeu o forno de lenha, fora da cabana onde vive e aqueceu um pouco de água para cozer um pouco de funge, para o pequeno almoço.

Nos arredores da aldeia encontrou-se com os vizinhos. À medida que seguiam para a Missa, iam comentando como tinham dormido e como estava a família. A ela, como não pode ter filhos e nunca se casou, esse tipo de conversas

calam-lhe fundo. Assim, decidiu ir um pouco mais devagar, com a desculpa de que tinha 60 anos e ia a fazer as suas orações.

A aldeia fica a oito quilómetros da Capela e, a um passo normal, são cerca de duas horas e meia. Pelo caminho sucede encontrar-se com outras mulheres, e todas levam produtos das suas lavras: batatas, milho, bombó [*tubérculo de mandioca*]. Como o grupo vai aumentando, sempre encontra alguma velhinha de outras aldeias e pergunta-lhes, sempre, pelos doentes e se o catequista as tem visitado. A

verdade, é que esta caminhada se converte num passeio bem agradável.

Ao chegarem à Capela, soa o sino para a Missa, hoje celebra-se Jesus Ressuscitado. Ela adora cantar e dançar, pois sabe que Jesus gosta de nos ver felizes quando O visitamos em Sua Casa. Ele anda sempre com muitos trabalhos e

Continua na página 4

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 44.550 exemplares

## BENGUELA

Padre Manuel António

## «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes»

O trabalho do educador é um verdadeiro tesouro da sociedade. Os homens e as mulheres, a maior riqueza duma Nação, dão testemunho desta verdade com o seu comportamento digno. Os filhos têm o direito natural à educação. Os pais não podem demitir-se deste dever. Serão traidores, uma palavra muito dura, à missão mais nobre das suas vidas. Os meus olhos estão cheios de mães, muito jovens ainda, com seus filhos às costas, abandonados pelos pais. Autênticos criminosos! As consequências estão à vista: as praças e as ruas estão cheias de crianças que, embora tendo a mãe ou alguém da família, não sentem o aconchego do lar. A fogueira que irradia o calor humano necessário ao crescimento equilibrado das crianças, como de qualquer pessoa, está na família. Por isso, o filho que não cresce debaixo do olhar do pai e da mãe tem, frequentemente, a porta aberta para a vida da rua. Daí, a necessidade urgente do educador para encher o vazio infeliz no coração destes filhos. A sociedade é, em última instância, a grande beneficiária do trabalho do educador.

Este princípio entra no dinamismo participativo do projecto educativo que Pai Américo intuiu para as nossas Casas do Gaiato. O Lema da nossa vida é maravilhoso: *Obra de Rapazes para Rapazes pelos Rapazes*. Quem dera nas famílias naturais entrasse, também, o cerne desta mensagem! Quem dera as filhas e os filhos sentissem a responsabilidade de fazerem, nos

seus lares, tudo o que são capazes de fazer! O amor pela família cresceria. A sua casa seria o ambiente mais querido. Este é um fruto maravilhoso da acção educativa.

Ontem, à hora habitual do fim do dia, partilhámos, em comunidade, um problema grave, relacionado com as faltas injustificadas à escola. Daí, resulta um prejuízo muito grande para a vida destes filhos. O acompanhamento mais regular e assíduo foi a solução encontrada. Quem vai realizar esta acção nobre é um dos irmãos mais velhos. Se as falhas continuarem, não cruzaremos os braços, mas buscaremos remédios mais eficazes. A educação é um trabalho paciente, alimentado pelo amor. É sublime, nos seus efeitos, a corresponsabilidade educativa dos membros da mesma comunidade, ao jeito duma família. Ontem, também, tivemos a nossa reunião de chefes. Acontece regularmente. São, na verdade, as colunas sobre as quais assenta o edifício humano da Casa do Gaiato. É uma das formas da concretização do Lema que anima a nossa vida. O tema central foi, precisamente, a renovação da consciência da responsabilidade deles, perante os seus companheiros, seus irmãos. A palavra oportuna é importante. Mas, se faltar o exemplo, o efeito é reduzido ou nulo. Daqui, resulta que a força motivadora para a promoção educativa dos filhos está, sobretudo, no exemplo dos pais e dos irmãos mais velhos. Estes princípios, vividos em ambiente familiar, têm consequências admiráveis

na vida social. É sempre consoladora a lembrança dum dos filhos da nossa Casa, agora na idade aproximada dos 60 anos, ao dizer-me: «Eduquei os meus filhos com a ajuda do que aprendi, quando estava na nossa Casa do Gaiato». É um estímulo para todos.

Ao falar das virtudes, não ficam esquecidos os defeitos, as falhas, algumas tão grandes e graves! Não podemos cair no desânimo, como pais e educadores. Quem ama muito sofre muito, também. Assim acontece nesta nobre missão. A sementeira é igual para todos. Os campos, porém, são diferentes. A educação não destrói a liberdade. Se não houver a colaboração do educando, num ambiente de amor e paciência, o resultado não é o que se deseja. Contudo, nunca nos podemos esquecer que a sementeira da educação, feita por amor, nunca é em vão. Há, contudo, inimigos, com largo espaço social alcançado, que invadem o campo do sementeiro, na hora do repouso justo, semeando produtos altamente venenosos. Dois deles são o álcool e a droga. O educador há-de ser uma pessoa corajosa.

A Paula, grande amiga, de Portugal, pediu-nos o número da nossa conta bancária, porque queria mandar um donativo para a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Admirável! Quem dera mais corações dessem as mãos e se juntassem! Vivemos do que nos dais! Continuamos à espera! Há portas que ainda não se abriram. Até quando? Sempre com muita Esperança. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

OBRIGADO a descansar um pouco para readquirir energias, estava deitado e ouvia a RR transmitir uma sessão solene, comemorativa dos seus 75 anos, na Universidade Católica.

Normalmente é a rádio que oiço e, por ela, o único canal de notícias, pois o tempo nunca chega para me sentar frente ao ecrã.

Era já no final da referida sessão quando uma Alta Personalidade da Igreja Católica se levantou para rematar com palavras cheias de largo alcance.

Contava Sua Eminência que, quando preparava o seu doutoramento em teologia, estudou um autor, que eu não fixei, o qual num dos seus livros, afirma que os cristãos devem transformar os factos em acontecimentos.

E qual é a diferença existente entre um facto e um acontecimento?

O autor explica a diferença com uma comparação: — Seguia em viagem na auto-estrada e de repente, ao longe, apercebe-se que, à sua frente, tinha havido um grande desastre; carros parados, polícia, bombeiros, etc... Disse consigo: — Não há cuidado nenhum, as velocidades são exageradas e aqui temos o resultado. Era o facto.

Ao passar pelo amontoado visto ao longe, descobriu, pela matrícula, um veículo amachucado que lhe pareceu pertencer a alguém conhecido. Encostou à frente, na berma, e veio ver. Encontrou, então, estendido no piso, o cadáver de um familiar seu. O facto transformou-se imediatamente, para ele, em acontecimento.

É mais ou menos, digo eu agora, a parábola do samaritano actualizada.

Como era uma pessoa da sua família que tinha morrido naquele aparatoso desastre, o envolvimento do transeunte e o facto inicialmente alheio como foi para o sacerdote e levita na parábola referida, arrasou-lhe a viagem, o corpo e a alma. Ficou ali preso pela tragédia, devorado pelo sofrimento e pelo amor à pessoa repentinamente falecida. Foi para ele um acontecimento, tal como para o Samaritano do Evangelho que se aproximou de um moribundo maltratado na estrada de Jericó.

Dizia o Ilustre académico: — É necessário transformar os factos em acontecimentos!

Sim. Mas como? Só parando e aproximarmo-nos das vítimas. O mesmo sugeri e intentou Frederico Ozanam para provar aos seus colegas teóricos e académicos, que o seu Deus era Vivo e presente nos Pobres. Ir a casa deles. Observar a sua situação. Compadecer-se dela, fazer quanto possível para atenuar o seu sofrimento e ajudá-los a ultrapassar todas as dificuldades, amparando-os nos mais diversos obstáculos. Nunca desanimar e ir com Jesus sempre para diante, animados por esta Presença Bendita. Fazer do tempo Pascal uma aparição continuada do Ressuscitado.

Seja como for. Criar estruturas é bom. É importante e aconselhável para uma organização mais perfeita a uma boa eficaz ajuda social, mas nada dispensa a visita domiciliária. Ir à casa do Pobre. À sua família. Ao conhecimento íntimo da vida de cada um. Nada.

Às vezes, a estrutura pode tornar-se um estorvo e uma desculpa: eles (os pobres) não querem trabalhar. Eles são uns desgobernados, uns exploradores e uns mentirosos. O melhor é ignorá-los. Tornar os acontecimentos vitais em meros factos.

Penso ser esta a terrível tentação da Igreja actual, com felizes excepções de alguns padres e leigos e algumas congregações religiosas. Criar estruturas academicamente bem feitas e, depois, instalarmo-nos como funcionários delas e a vida roda sem fervor apostólico.

Não nos admiremos se o povo perde a confiança, se afasta da igreja e adormece num comodismo traço e espiritualmente suicida.

«*Pobres sempre os tereis convosco.*» Sim, eles são o caminho eficaz para demonstrar a Vivacidade Eterna do nosso Deus. O contrário, por mais elaborado que seja e academicamente erudito, é uma pura ilusão.

E carregar os pobres não é tarefa fácil. Antes pelo contrário, é vida difícil, muito espinhosa e exigente. Se fosse leve, muitos os suportariam, não faltaria quem tratasse deles. Mas se «o caminho da igreja é o homem» o caminho do apóstolo é o Pobre. □

## MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 3

preocupações com todos os nossos problemas mundanos. Hoje é um dia muito especial para Jesus e temos de O fazer sentir muito querido. Durante todo o tempo Ele dedica-Se a escutar os nossos problemas, hoje vamos só cantar e dançar e orar para Ele.

Chega o momento das oferendas e todos se preparam para entregar o que trouxeram. Eram mais de setenta pessoas que, umas atrás das outras, se dispunham a colocar nas mãos do sacerdote a sua oferta. Normalmente não levanta o rosto quando entrega a sua oferenda, mas hoje, ao levantar o olhar, viu como o padre lhe sorria e escapa-se-lhe uma lágrima enquanto dizia no seu idioma: Twasakidila (obrigada). Naquele momento recordou como Jesus se comovia, quando via vir gentes de lugares mui distantes para O escutar e oferecer-Lhe o pouco que tinham.

No fim da Missa, o sacerdote agradeceu tudo quanto o povo havia oferecido durante esses dias, pois os meninos teriam com que comer durante uma semana. Estas palavras gravaram-se no seu coração e desde aquele dia, todos os Domingos, ela traz ao ofertório um pequeno balde de bombó. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTEVE entre nós uma ONG que se dedicou a plantar árvores numa pequena área da Massaca. Coube-nos criá-las em viveiro e depois distribuíram. Não sei quanto gastaram.

Fomos nós, logo em 91, ao ver os remoinhos que levavam pelos ares farrapos, plásticos e poeiras que ficavam suspensas durante muito tempo, os primeiros a encher a Massaca de fruteiras, e árvores lenhosas nas ruas, senão estariam até agora sem nada. Muitas, como a moringa, rica em vitaminas, não a aproveitam. Outras, cortam-nas e rebrotam. Era a nossa intenção. Agora, tudo plantaram num mesmo terreno, onde pastam cabras e bois e por isso duvidamos do êxito. Mas deram ao seu projecto um nome bonito: «Uma árvore, uma vida». Dito e feito, se durar.

Mas em nossa Casa houve melhor. Durante a semana, três vezes foi o nosso camiã à cidade buscar massa milaneza e, no Domingo, a Tropicália trouxe mais refrigerantes, chouriço, queijo e pedaços de presunto curado, para condimentar as refeições. Fizemos festa de agradecimento, no salão, onde os rapazes cantaram e pequenos grupos que se vão formando, exibiram a sua arte em danças inventadas por eles com o apoio de músicas em voga. Almoçámos todos juntos um bom prato de massa com um molho de carne, outro de verduras da Casa e uma aletria tão saborosa que mesmo quem pensava não gostar se rendeu e repetiu. Já se fez distribuição pelas Creches, porque o arroz e farinha há que poupá-los, quando o dinheiro minga.

Continuamos com as nossas saídas pela cidade. Procuramos pessoas e poucas encontramos. Deve acontecer o mesmo a Deus que nos procura e não nos encontra, Ele que disse procurai e encontrareis, batei e abri-se-

-vos-á. É por isso que andamos. Falta-nos tempo para mais. Só no caminho são duas horas, na ida. Vamos e voltamos de mãos vazias, mas fica a semente em forma de escrita com o custo de cada rapaz, e trazemos a promessa de estudar o assunto. Não é linguagem muito lisonjeira, mas alimenta-nos a esperança. Já trouxemos, com disponibilidade absoluta e prontidão de uma Empresa, trinta e seis mil, o quanto precisamos para um rapaz durante um ano, e mais lembranças de Braga, para a Escola e para a mesa. De uma Senhora, só mil, porque mais não pode. Tem dois gémeos pequeninos e acaba de perder o marido. Outros prometeram transferir para a nossa conta: Obra Rua Casa do Gaiato de Maputo, no BCI, nº 60045921005. Iban 000800000600459210568, SWIFT CGDIMZMA. Transcrevo na íntegra porque de Portugal, já foi pedida e voltamos a recordar, que pelos Correios, é dinheiro perdido.

Quem nos acudiu verdadeiramente foi a APARF. Desde o princípio do ano, com dívidas grandes por pagar, com salários à vista, com avultadas somas ainda agora não remidas, para os que foram dispensados do trabalho, com cinquenta e dois estudantes a estudar fora, a precisar de propinas, alojamento, alimentação e material escolar, mandou-nos por duas vezes, a última há poucos dias, quarenta mil euros. Para além da verdadeira amizade que há muitos anos saboreamos sempre que posso visitá-los e do conhecimento que tem de nós quem lá administra, sei que são de migalhas pequeninas, recolhidas em campanhas, pelas crianças das Escolas. Benditas moedinhas e benditas crianças de Portugal. Sois a esperança de um mundo generoso, justo e irmão. Beijo-vos o rosto e o coração, como faço aos nossos mais pequeninos. □